



# ARAUTO

1957  
DEZEMBRO  
ANO I  
N.º 3

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1  
Comp. e imp. na Tip. do «Correio da Horta»

EDITOR  
Dr. Tomás da Rosa

REDACTORES  
Henrique Barreiros e Manuel Paulino

Redacção e Administração  
LICEU NACIONAL DA HORTA

## ✠ NATAL NA LITERATURA ✠

### NATAL

Silente, pelo teto esburacado  
Aos golpes da invernã,  
A estrelinha dos magos tinha entrado  
Como Sol bentazejo em noite fria.

Mas no anseio das mães embevecidas  
A Virgem reparou que esse clarão  
De duas traves carcomidas  
Projectava uma sombra em cruz no chão.

E é desde então que o maternal sorriso  
Tem tão complexa luz.  
As mães cantam sonhando o paraíso,  
Mas lembram-se da Cruz.

Branca de Gonta Colaço

### A CEIA DO NATAL

Depois celebrava-se a ceia, o mais solene banquete da família minhota. Tinham vindo os filhos, as noras, os genros, os netos. Acrescentava-se a mesa. Punha-se a toalha grande, os talheres de cerimónia, os copos de pé, as velhas garrafas doiradas.

Acendiam-se mais luzes nos castiçais de prata. As criadas, de roupinhas novas, iam e vinham activamente, com

as rimas de pratos, contando os talheres, partindo o pão, colocando a fruta, desarrolhando as garrafas.

Os que tinham chegado de longe, nessa mesma noite, davam abraços, recebiam beijos, pediam novidades, contavam histórias, acidentes de viagem: os camponeses estavam uns barbaes medonhos, e falavam da saraivada, da neve, do frio da noite, esfregando as mãos de satisfação por se verem enxutos, agasalhados, confortados, quentes, na expectativa de uma boa ceia, sentados no velho canapé da família.

E o nordeste assobava pelas físgas das janelas; ouvia-se ao longe bramir o mar ou zoar a carvalheira, enquanto da cozinha, onde ardia no lar a grande fogueira, chegava num respiro tépido o aroma do vinho quente fervido com mel, com passas de Alicante e com canela.

Finalmente o bacalhau guisado dava a última fervura; as frituras de abóbora-menina, as rabanadas, tinham saído da frigideira, e acabavam de ser empilhadas em pirâmide nas travessas grandes. Uma voz dizia: — Para a mesa, para a mesa!

Havia o arrastar das cadeiras, o tinir dos copos e dos talheres, o desdobrar dos guardanapos, o fumegar da terrina; tomava-se o caldo, bebia-se o primeiro copo de vinho; estava-se ombro com ombro, os pés dos de um lado tocavam nos pés dos que estavam defronte.

Bom aconchego! Belo agasalho!

Ramalho Ortigão

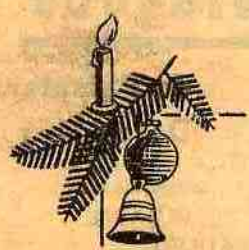
alegrias daquela família, a acompanhava na sua dor entoando salmos que embalavam a noite...

Assim esta pobre mãe celebrava a festa das suas lágrimas em cada ano, na noite de Natal, — porque no restante tempo da sua tão custosa vida nem tempo tinha para chorar...

Florêncio Terra



O «Arauto» deseja que os seus prezados assinantes e leitores, tenham passado um Natal alegre em Jesus Menino que veio à terra para nos trazer a Paz e a Salvação. E faz votos para que o Novo Ano seja de felicidade para todos, felicidade baseada na paz daquele que é o Único que verdadeiramente a pode dar aos homens, quando estes a merecem.



**BOAS  
FESTAS  
FELIZ  
ANO BOM**

## NATAL

Natal!... Jorros de luz e de orações  
Sobem ao céu na noite fria e escura...  
As crianças têm risos de ventura,  
E ao pequenino-Deus rezam canções...

Quanta esperança vai nos corações!...  
Brilham-lhe os olhos cheios de candura,  
Olhos de quem possui uma alma pura,  
E não conhece ainda decepções...

Oh! Sinto, como em sonho, essa alegria  
Que à volta de uma árvore engalanada  
Sonhavam nossos olhos infantis...

E Hoje sinto a forte nostalgia  
Do tempo que levou, em derrocada,  
Minhas aspirações primaveis...

Regina Serpa  
Escola do Magistério

Nem para todos é o Natal festa de alegrias; mas para alguns, até, festa ainda mais triste, porque sendo festa, lhes recorda, contudo, tristezas.

Lembro-me de uma pobre mãe para a qual aquela noite era a sua noite de saudade e de lágrimas.

A históriazinha é simples e conta-se em duas palavras:

Em um ponto isolado de uma das nossas praias picarotas, estabeleceu-se, havia anos, uma família de pescadores. Primeiro um só casal viera ali ter, e a sua casita de pedra negra, apenas tomada de argamassa nas juntas da portada e das janelas, era a única coisa viva que, entre velhas casas abandonadas, o mar encontrava todos os dias, ou quando nas lindas madrugadas se espreguiçava leitoso e fresco à luz da alva, ou quando nos ocasos rútilos espelhava o veio dourado do sol ao esconder-se, ou ainda quando, pelas tempestades, comia a terra com a sua espuma desgrenhada e salgadã.

Deste casal, por cruzamentos em povoados próximos, foram-se originando novas famílias, outras pobres habitações se construíram, e com o decorrer do tempo aquele logarejo habitado, no meio do sítio agreste e desabrido, fazia lembrar um destes pontos das praias que certas aves marítimas escolhem para fazer os seus ninhos. Os homens, as mulheres e as crianças tinham mesmo na voz habituada

a lutar com as vozes do mar, modulações e gritos como de gaivotas, espalhadas em bandos no seio das ventanias.

Constituiu-se, pois, ali uma pequena colónia de pescadores todos ligados por laços diversos de parentesco, como ramos da mesma árvore brotada ao acaso de uma semente caída entre as rochas. Todavia o facto a que fazemos referência passou-se com o primitivo casal.

A mulher era uma criança de dezassete ou dezoito anos quando lhe nasceu a primeira filha. Depois outros filhos sucederam-se como frutos em cada primavera.

A pequenita, que era bem inclinada e cheia de bondade, logo desde os mais tenros anos começou a prestar à mãe o seu auxílio, tomando conta dos irmãos, e por tal forma que eles lhe queriam como à própria mãe, às vezes mais, Deus lhes perdoe.

Mas a verdadeira mãe não sentia zelos da sua querida filha, antes cada vez lhe consagrava maior amor e gratidão pelo muito que ela se esforçava em ajudá-la. Até, como os pequenitos, lhe chamava também: «A sua mãe». Calculem pois a dor que a feriu, quando no intervado do quinto para o sexto filho, a Maria lhe morreu, ia fazer doze anos!

Foi na véspera do Natal que ela morreu...

Que pesar imenso ver nessa noite angustiosa, na salita pobre, o caixão de Maria, onde ela esta-

va branca de cera, sob o choro da mãe, e apenas esclarecido pelas mesmas luzes que a um lado alumiam o altar do Menino Jesus a quem a irmãzinha mais velha de Maria vestira de preto.

Deitara luto pela Maria o Menino Jesus...

Assim se diria ter sucedido ali; mas lá em cima, no céu, uma alegria infinda reinava, cânticos de júbilo inefável festejavam a chegada da linda alma daquela criança que não desmerecia na resplandecência celestial, tal era o brilho de inocência, pureza e de bondade que dela irradiava.

A mãe de Maria por todo o tempo chorou a morte dela. E dali em diante em cada noite de Natal, quando o logarejo se despovoava dos seus habitantes, que seguiam para a santa missa da meia noite, ela só ficava em casa, armava o altar do Menino Jesus, a que sempre conservava o seu vestidinho preto, acendia algumas luzes entre raras flores, abria uma gaveta onde religiosamente guardava toda a roupa da filha, tirava-a, lentamente, peça por peça, e sobre cada um desses objectos queridos ia depondo os beijos e deixando cair as lágrimas da sua dolorosa recordação.

Sózinha ela chorava; mas, quebrando na praia, lá estava a voz do mar, parecendo que também ele, a testemunha sempre presente de todas as desditas e de todas as



# JORNAL DA MOCIDADE -- PARA A MOCIDADE

## A Missão do Professor

A missão do professor não é apenas ensinar o a, b, c com o fim de receber o dinheiro que lhe é atribuído.

Não! Não é isso que se pretende de um professor, mas sim, educar, instruir os seus discípulos, fazer deles bons camaradas, leais e obedientes para com o próximo, isto, é ensinar-lhes o caminho da verdade.

O professor deve incitar os seus discípulos à aquisição de hábitos e sentimentos, através dos quais formem o carácter. Deve prepará-los de forma a poderem enfrentar com eficácia todos os obstáculos que amanhã lhes apareçam.

Mas a missão do professor não fica por aqui. Há mais, muito mais além disto.

Temos sobretudo o problema da educação que é um dos assuntos mais importantes a que o professor se deve dedicar.

A educação é o elemento fundamental para se viver em sociedade.

Apresenta vários aspectos, a que me vou referir, pois julgo interessante falar neste assunto, visto que é de interesse para todos, principalmente para os pais que devem ser os verdadeiros educadores dos seus filhos, porque é com eles que estes convivem a maior parte do tempo. A escola só, não é suficiente, embora tenha também muita importância na educação.

Primeiramente vou dar uma ideia de educação, transcrevendo a definição dada pelo pedagogo Staneyhall, apesar de haver outros que encarem a educação doutro modo.

A deste autor parece-me mais concreta. «A educação é a soma de esforços reflexivos pelos quais ajudamos a natureza no desenvolvimento das faculdades físicas e intelectuais do homem com vista à sua perfeição, felicidade e destino social».

Agora, só mais duas palavras sobre os diversos aspectos da educação.

Em primeiro plano temos a educação física, que consiste no melhor desenvolvimento do corpo. Sendo assim, obtém-se também um melhor desenvolvimento do cérebro. Para tal se conseguir, devem-se praticar os exercícios físicos de Lina, e para completar o desenvolvimento infantil.

Educação moral:— Tem como objecto o

cumprimento dos deveres individuais, segundo o estado de cada um, contribuindo assim para a formação do carácter e personalidade. Tem ainda como objecto aprender a dominar os nossos instintos, paixões e tendências, para o que é necessária a força de vontade.

Educação intelectual:— Tem como objecto ensinar o educando a pensar, e fazer dele o agente principal da sua formação, levando-o a pensar, raciocinar, abstrair-se, etc.

Educação religiosa:— Tem por fim conduzir o aluno segundo o ideal cristão, para o que o educador deve acender na alma da criança a luz eterna de Cristo.

São estes os principais aspectos da educação, a que o professor se deve cingir durante a sua acção escolar.

Em suma: deve o professor velar pela higiene física, moral e intelectual dos educandos, preparando-os de maneira que eles amanhã sejam alguém, e triunfem na vida como bons elementos para a sociedade.

Adelaide Azevedo

1.º Ano do Magistério

## O BOM E O MAU CINEMA

O cinema é uma escola de arte. São grandes os efeitos dessas exhibições cinematográficas, que atraem às plateias milhares de pessoas, desejosas de aprender alguma coisa desconhecida.

Segundo a crítica, poderão considerar-se no cinema dois aspectos: como escola de ensino, ou seja o bom cinema, e como meio de degradação moral, ou seja o mau cinema.

O primeiro traz ao homem aquele prazer, aquela ânsia de para o futuro atingir um ideal mais alto. O outro leva-o à desgraça, mais tarde ao desespero, esquecendo-se de que é obra de Deus, e só a Ele pertence.

Pelo que se vê através das notícias que chegam a toda a parte, pouco se tem feito para dar ao mundo uma paz espiritual. Em vez de cenas que edifiquem, procura-se muitas vezes filmar cenas escandalosas e arripantes,

que fazem estremecer as pessoas de elevada mentalidade moral.

E quantas vezes se ouve dizer que o cinema não tem influência na formação do carácter!

Quem diz isto já está contaminado, talvez mesmo sem o saber. O veneno infiltrou-se já por todas as fibras do seu ser, destruindo-lhe o que havia de melhor no coração e na alma.

Mas não pensemos, que na tela só se desenrola tudo o que há de mais vil e baixo.

Felizmente, ainda se compreende qual deve ser o fim do cinema, obra de aperfeiçoamento moral, formação de caracteres sãos, isentos de tudo o que é mesquinho e ignóbil.

Precisamos de juventude trabalhadora, forte e honesta.

E como conseguiremos isso?

Aqui está um dos meios, o bom cinema.

Maria Felicidade Simas da Silveira—5.º Ano

## Janeiras

O' de casa, alta nobreza,  
Mandai-nos abrir a porta,  
Ponde a toalha na mesa  
Com caldo quente da horta!

Vimos honrar a Jesus  
Numas palhinhas deitado;  
O candeio está sem luz  
Numa arribana de gado

Mas uma estrela dianteira  
Arde no céu, que regala!  
A palha ficou trigueira,  
Os pastorinhos sem fala.

Já as janeiras vieram,  
Os Reis estão a chegar  
Os anos amadureceram:  
Estamos para durar

Já lá vem Dom Melchior  
Sentado no seu camelo  
Cantar as loas de cor  
Ao cair do caramelo

O' incenso, mirra e oiro,  
Que cheirais e luzis tanto,  
Não valeis aquele tesouro  
Do nosso Menino Santo!

Vitorino Nemésio

## Concurso

O ARAUTO organiza entre os seus assinantes, durante o mês de Janeiro, um concurso dum cabeçalho para o Jornal, cabeçalho que

deverá obedecer às seguintes condições:

—Apresentar a palavra ARAUTO com desenho inédito e apropriado a um Jornal Académico.

—Apresentar todo o conjunto com um tamanho tal que possa ser reproduzido exactamente no Jornal.

—Entrar em linha de conta com toda as disposições que figuram no actual cabeçalho.

—Os trabalhos deverão ser entregues durante o mês de Janeiro, aos redactores do Jornal.

Nota—Ao concorrente que apresentar o melhor e mais apropriado trabalho, ser-lhe-á concedido o prémio dum bom livro.

## Pelo ARAUTO

Do nosso colega Vida Académica de Angra do Heroísmo, transcrevemos a referência que fez ao ARAUTO no seu número 181 de 19-XII-1957, a qual agradecemos:

«Foi no passado mês de Outubro que a esta Redacção chegou o número um do «Arauto», jornal académico editado pelos alunos do Liceu da Horta.

Jornal de bom formato e de boa apresentação, que tem como seu Editor o Sr. Dr. Tomás

## VIDA ACADÉMICA

Com este nome fundou-se em 1932 (!) no Liceu Nacional de Angra do Heroísmo e como propriedade do Centro Escolar N.º 1, um jornal académico QUE AINDA EXISTE — eis tudo!

A VIDA ACADÉMICA comemora este ano as suas BODAS DE PRATA, comemoração sem dúvida gloriosa para um jornal académico, onde há sempre que contar com a inconstância da Juventude e com muitas outras dificuldades de ordem variada, que tantas vezes se tem de vencer, para que uma iniciativa deste género não sossobre e desapareça para sempre, incompreendida. Embora tenuemente, fazemos já uma ideia aproximada da persistência e espírito de sacrifício, que todos os impulsionadores da VIDA ACADÉMICA, no decurso da sua longa vida,

tenham posto à prova, para que ela atinja-se tão simpática data.

Jornal de boa apresentação gráfica, cujas páginas têm patenteado ao público bons artigos e interessantes piadas académicas através da sua «famosa quarta página...», comemorou os seus 25 anos de existência com um número especial de oito páginas, de que recebemos oferta que muito apreciamos e agradecemos.

O «Arauto» associa-se à bem justificada alegria que a Direcção e o Corpo Redactorial actuais da VIDA ACADÉMICA devem sentir pela honra que lhes coube em fazerem parte da administração do jornal em tão auspiciosa data, apresentando as mais sinceras felicitações pelo acontecimento.

1932-1957—é um exemplo que desejamos continue a sê-lo!

Redactor

## DO NOSSO LICEU

Por falta de espaço, só neste número nos é possível registar que se encontram a leccionar no nosso Liceu como Professores contratados, a Sr.ª D. Maria Amélia Vicente (Francês), a Sr.ª D. Maria Manuela Nunes Neves (Francês) e o Sr. P.º Júlio da Rosa (Português).

O «Arauto» apresenta cumprimentos.

—Devido ao carácter da epidemia da gripe que tem predominado entre nós, o L. N. H. esteve encerrado de 11 a 16 Dezembro.

—A 19 deste mês terminaram as aulas do 1.º Período, reabrindo a 3 de Janeiro de 1958.

—E' com grande prazer que comunicamos aos nossos leitores, que este jornal, pertença do C. E.

N.º 1 da M. P., teve franco apoio da parte do público em geral e dos estudantes desta e doutras ilhas, pois o 1.º número cuja tiragem foi de 300 exemplares, esgotou-se por completo, aumentando a do 2.º número para 500.

## Soluções

do Passatempo Desportivo

Pompeu  
Pedroto  
Amaral  
Martins  
Miguel  
Pegado  
Samuel  
Torres  
Saraiva  
Cavem  
Travassos

Fale  
Cernachio  
Abreu  
Vasques  
Marta  
Ulisses  
Faneça

Perides  
Polido

Arseñio  
Hernani  
Barbosa  
Rodrigues  
Salvador  
Val  
Mergulho  
Rocha  
Bende



# JORNAL DA MOCIDADE-PARA A MOCIDADE

## “A R A U T O” pelo Desporto e pela Educação Física

### Faz Ginástica pela Manhã III SÉRIE

### FACTOS que são exemplos...

I — De pé, pernas afastadas e braços erguidos na vertical; — Baixar o tronco para a frente e erguê-lo rapidamente jogando os braços para cima.

II — De pé: — Dar um passo em frente com a perna esquerda levando o braço direito estendido para cima, depois fazer o mesmo com a perna e braço esquerdo, movimentos bruscos.

III — De pé: — Baixar o tronco e segurar o tornozelo ora esquerdo ora direito, levantando a perna livre para trás.

IV — De pé, pernas afastadas: — Baixar o tronco e segurar ambos os tornozelos voltando depois à posição de pé.

V — Deitado de costas, no prolongamento do tronco: — Elevar as pernas à meia altura, depois aproximá-las e afastá-las.

VI — Deitado de costas, apoiado nos calcanhares e nas mãos: — Afastar as pernas — ora a esquerda ora a direita.

VII — De joelhos: — Baixar o tronco, braços estendidos e tocar com as mãos no solo voltando depois à posição de joelhos.

VIII — Partindo da posição de pé, baixar o tronco para a frente, tomando apoio no solo com as mãos, depois estender bruscamente as pernas para trás apoiando-se nas pontas dos pés, em seguida flexionar e estender os braços.

Obs.: — Repete cada um destes exercícios cinco a dez vezes. No intervalo de cada um respira profundamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Estuda bem o exercício para o fazeres correctamente. Antes dos exercícios lava a boca, limpa o nariz e satisfaz as necessidades fisiológicas. Usa pouca roupa, trabalha diante do espelho, se for possível; é mais atraente e facilita a correcção; se notares que não podes fazer o exercício de uma forma completa, trata de executá-lo aos poucos. Nada de ginástica em quarto fechado: ar muito ar fresco e puro. Depois da execução da série de exercícios que hoje publicamos, toma um banho frio e fricciona-te bem.

(De «Natura»)

## A MORAL E O DESPORTO

Por muito ardoroso que seja um jogo, nunca te aproveites do seu entusiasmo para insultar ou ofender um adversário. Tal atitude é indigna dum atleta que preza o seu brio de desportista e a sua dignidade de homem.

Para praticar futebol ou qualquer outra modalidade, não basta ser dotado de reais qualidades físicas ou técnicas. Algo mais é necessário ao praticante que na sua bagagem deve trazer o desportivismo que o levará a respeitar o adversário como a si próprio. No Desporto, escola

de virtudes, as contrariedades devem ser recebidas sem azedume. O sorriso da vitória não deve achincalhar nem diminuir o vencido da mesma maneira que este se não deve supor menosprezado ou menos digno só porque a derrota lhe bateu à porta.

A sobranceira e a ausência de respeito pelos outros não cabem nas fileiras do desporto.

E quem não puder ou não quizer desfazer-se daqueles maus predados, melhor fará não vir para o desporto onde, por certo, estará deslocado.

Dignidade, respeito e submissão é bem a trilogia que a praticante deve ter sempre presente.

V. P.

## Pai-nosso do Fernandez

Fernandez que estais no Sporting Bendito seja a vossa nacionalidade Venham a nós as vossas instruções Assim aos adeptos como aos jogadores Nos dai hoje muitas vitórias e poucos castigos e per-

doai-nos as nossas derrotas Assim como nós perdoamos ao Porto. Não nos deixeis cair em decadência e livrai-nos do Benfica Como nos livraste de Belenenses.

Leãozinho

## OS DEZ MANDAMENTOS

### DO VERDADEIRO DESPORTISTA

- 1.º — Ser desportista por amor aos supremos ideais do desporto.
- 2.º — Ser leal, correcto e justo para com os adversários.
- 3.º — Saber ganhar com generosidade e perder com correcção.
- 4.º — Respeitar os adversários para merecer o seu respeito.
- 5.º Recordar que servir um clube é servir o desporto, não se pode servir o primeiro com prejuizo do segundo.
- 6.º — Ser honesto nas apreciações.
- 7.º — Não procurar justificar a derrota com calúnias, ou argumentos falsos.
- 8.º — Não tomar, por nenhum motivo, atitudes indignas, seja durante uma prova desportiva, seja após ela.
- 9.º — Nunca esquecer que a paixão clubista, quando levada ao exagero é fonte de dissabores e atitudes ridículas.
- 10.º — Recordar que só há um verdadeiro desporto quando nele existe espírito de justiça, correcção, lealdade e generosidade.

(Da Campanha)

## Actividades da M. P.

### Desportivas:

--Em virtude da inconstância do tempo não se realizaram os tradicionais encontros, nos campos do Liceu, em que anualmente, n.º 1 de Dezembro, se defrontam as equipas representativas da Escola do Magistério e Centro Escolar N.º 1.

— Já se iniciaram as instruções no Centro Especial de Vela, desporto que entre nós tem atingido o seu expoente máximo com timoneiros académicos.

— E' já no 2.º periodo que começará o Torneio de Atletismo individual, entre os filiados do nosso Centro e ao qual já fizemos a devida referência.

O «Arauto» reproduzirá exactamente, a relação dos atletas inscritos, bem como todos os resultados, marcas e «records» obtidos pelos mesmos, em cada prova a que concorram.

São de esperar bons resultados para Manuel Maria no lançamento de peso; para Vitor Pereira no triplo salto e salto em comprimento e para Tomás Horta no salto em altura, pois estes já revelaram possuir qualidades para tais provas.

— O ténis de mesa está a despertar vivo interesse entre os nossos rapazes. Aproveitando isto, aqueles a quem estão entregues as actividades da M. P., pensam muito em breve organizar um torneio desta modalidade, em duas categorias. E assim se esboça uma valorização física e bem

desportiva dos nossos filiados.

### Culturais:

— Sob a orientação de Sr.ª D. Albertina Andrade, alguns filiados e filias da M. P., fizeram o tradicional presépio, no palco do ginásio do Liceu, como cumprimento do programa de actividades da M. P.

O presépio esteve aberto ao público desde o Dia de Natal, tendo sido muito visitado.

## Passatempo

Substitua os pontos por letras, a fim de obter nomes de futebolistas portugueses.

... J .  
... O . . .  
... G . . . .  
... A . . . .  
... D . . . .  
... O . . . . .  
... R . . . .  
... E . . . .  
... S . . . .  
... D .  
... E .  
... F . . . .  
... U . . . .  
... T . . . .  
... E . . . .  
... B . . . .  
... O . . . .  
... L .  
... P .  
... O . . .  
... R . . .  
... T . . .  
... U . . .  
... G . . .  
... U . . .  
... S . . . .  
... E . . . .  
... E . . . .  
... S . . . .

### No próximo número:

Entrevista com o popular desportista

Dionísio Capaz



SO4H2 — SO4H2 — SO4H2 — SO4H2 — SO4H2 — SO4H2

# São assim os Estudantes...

## DA MALTA... Grande Barrete Falandando com Maria Antónia

### As verdades querem-se ditas

Muita fominha encoberba havia entre os nossos estudantes, quanto a feriados!

Era ver a malta, quando soube que teria um resto de semana sem aulas, sem professores, enfim levando uma vida à solta! A gritaria, os pontapés no «fundo das costas» etc. não tinham limites — o Liceu assemelhou-se pouco mais ou menos ao «barco do Calhau».

Calculem que até já havia voluntários (e bem iludidos estavam) prontos a intervir caso não houvesse número de alunos suficiente para o Liceu fechar!

Esta gripe é das nossas!!!!!!

### Persistência

— A' esquerda! A' direita! Para cima! Para baixo! Insiste!

Parece, mas não é Educação Física! Trata-se dum síntese da vida amorosa do «homem do cavalo marinho». Bem, mas é melhor não nos alongarmos mais, senão podemos ser vítimas do seu chicote. Livra! Arranjamos cada sarilho! Agora põe-se deprender daqui que lhe queremos chamar carroceiro!

Esperemos pelos acontecimentos.

### Concurso

— Diz-se que em breve haverá concurso para condutor da Urbana.

Temos cá no Liceu dois sujeitos que, segundo consta, concorrerão. Já há tempos que começaram os treinos, que são intensos, conhecendo o percurso aos palmos.

Mas aquilo é fácil pois nem sequer é preciso saber ver as horas, nem ler PARAGEM.

Desejamos-lhes muitas felicidades no exame.

### Agradecimento

A MALTA encarregou o «ARAUTO», de apresentar os seus mais sinceros agradecimentos ao «novo médico escolar», formado em avaliações termométricas de febre, pela sua preponderante acção relativamente ao encerramento das aulas.

O «Senhor Doutor» foi deveras eficaz: mandava para casa os sádios e para a aula os engripados.

### Da Asiática

— Os nossos médicos

têm sido deveras oportunos em evitar as lesões cardíacas que a «Asiática» têm provocado em muitos e muitas, com as longas separações que tem motivado.

Os casos mais agudos segundo as últimas estatísticas, deram-se pelos comandos da M. P.

### Posto de reclamação!

— Parece impossível que um nosso prezado colega (6.º ANO) escolha um sítio tão obscuro (travessa da Colónia Alemã) para aprender a andar de bicicleta, usando um veículo que não está dentro da Lei.

### Um prejudicado

### Cavacos de ofício

Ele passeou, olhou, cansou-se, mas sem resultado. Ela não «caía».

O vapor saiu... ele foi-se...

Ela ficou... chorou, e convenceu-se que afinal gostava dele, pois «os homens não se mefem aos palmos».

Mas eis que ele volta, todo «giros», olhos escuros, a vender peneiras e então... ela «cai» como não «caía», antes.

Tal planta!

Resta-nos saber agora, se ele, após tanta desilusão, ao ver tanta submissão, «irá no bote».

Henriqueta moreninha Bem lhe diz a barretinha.

Vamos todos atrás dela p'ra janela arrelhar, — à socapa uma olhadela para ela e... pôr andar.

Henriqueta minha pretinha gaiatinha bem te fica a barretinha

Um dito muito usado: — «Quem se doeue cardos comeu!!!»

CHICO

## S. O. S.

— Não têm ouvido, ultimamente, uns apitos pelo nosso Liceu? Trata-se do 6.º ANO a pedir piloto!

Por este andar com uma tal Desorganização Política e Administrativa da Nação, com uma Filosofia que diz que uma mesa não é uma mesa, com uma Mineralogia cheia de desorientações, como uma Física de desmonstrações, com um Desenho aéreo, os sextanistas, dizem que qualquer dia mandam a Matemática para... o infinito.

Eis a razão por que pedem piloto com medo de dar à costa.

## Optimismo Académico

### Na aula de Inglês

3.º ANO — D

Professor — How many feet have You? (Quantos pés tens?)

Sousa — I have thirty two!!! (Tenho trinta e dois!!!)

(Grande miriápode o amigo Sousa!)

### Na aula de Inglês

4.º ANO — B

Professor — O que é a palavra Shop?

Botelho — Shop... shop... é uma palavra inglesa!

(Não há dúvida. O Botelho descobriu a pólvora).

### Na aula de Música (há anos)

Professor — Então, não percebes patavina do assunto. Vamos lá a ver, talvez nem sequer sabes o que é a Música?

Aluno — Sei, sim senhor. É um adjetivo.

Professor (em tom sério) — Mas que espécie de adjetivo?

Aluno — Qualificativo.

Professor — (no mesmo tom) — Qualificativo? O que é que está qualificando?

Aluno prontamente — Os instrumentos!

### Na aula de Música

O professor, numa aula em que explicava os acidentes da Música: — Os acidentes são três: sustenido, bemol e bequadro. O primeiro aumenta meio tom à nota musical, o segundo baixa o meio tom e o terceiro anula o valor dos dois primeiros.

Agora vamos lá a ver se perceberam, tu (apontando para um aluno) diz-me o que entendes por um bequadro?

Aluno — É o que escangalha o destemido.

### a popular «COMADRE»

### Sextanista no Liceu de Angra do Heroísmo

1 — Então, Maria Antónia, estás satisfeita por te encontrares cá, embora por pouco tempo?

2 — Quais são as tuas impressões acerca da recepção que os e as antigas colegas te fizeram?

3 — Dás-nos uma ideia da «malta» terçoirensense, rapazes e raparigas?

4 — O que julgas que os rapazes pensam de ti?

5 — Descreve-nos o mais académicamente possível uma dessas peripécias que tantas vezes se passam na aula e em que tenhas sido protagonista, a que tenhas assistido ou ouvido contar no Liceu de Angra?

6 — Na tua opinião qual é a melhor tática para passar um ano?

7 — Podes-nos revelar o que farias se fosses nomeada por um dia, reitora do nosso Liceu?

8 — Como deves n'rias PROFESSOR E ALUNO?

9 — O que pensas da nossa MALTA?

10 — Tens mais alguma coisa a dizer-nos?

1 — Satisfeitíssima, pois já estava cheia de saudades do nosso Faial e da nossa «maltinha».

2 — Achei uma recepção ótima. Mas realmente não era de esperar outra coisa de tão gentil rapaziada...

3 — São também bons camaradas.

4 — Falandando em rapazes devem referir-se à nossa «malta» não é? Pois bem. Como além de colega sempre fui sua amiga penso bem deles e estou certa que eles também pensam bem de mim.

5 — Estou lá há relativamente pouco tempo para vos poder relatar grandes peripécias, mas acho piada a uma que ouvi contar e que vos relato: «Trata-se de certo rapaz, que foi fazer exame, e que... e a quem no dia da prova oral o professor disse: «Aqui cheira-me a vela queimada».

6 — Cabular no 1.º e 2.º período e nas primeiras semanas do 3.º. Nas últimas então «mete-se água» a valer e escapa-se, a não ser que... «não pegue».

7 — Se isso acontecesse no ano lectivo de 1957-1958, estabeleceria uma tabela de 30 exclusiva para os actuais alunos do 6.º Ano.

8 — Professor: «Lobo feroz»  
Aluno: «Cordeirinho manso».

9 — Que é uma excelente «malta» e certamente a «malta» mais amiga e camarada de Portugal Continental, Insular e Ultramarino.

10 — Tenho. Faço votos para que no próximo ano lectivo já cá funcione o 3.º ciclo completo, e assim não seria necessária a ausência de alguns de nós, pois felizmente para vós, não sabeis avaliar quantas saudades, lá longe, sentimos dos colegas e amigos de quem por necessidade nos separámos.

E' este o meu mais ardente desejo e despeço-me de todos vós com um «até à próxima».

## Diálogo entre duas amigas

Antónia — Como achas, te o segundo número do nosso jornal? Bom?

Josefina — Cá no meu ver achei-o bom.

Antónia — E os artigos dos nossos colegas?

Josefina — Também gostei. Tinha alguns com graça e bem escritos.

Antónia — Leste o último diálogo com as suas piadas, devido ao que o nosso colega Chico escreveu?

Josefina — Sim. Li mas não achei piada, pois se essas meninas «se picaram» é porque tinham razões, por-

que costuma-se dizer que «quem se pica cardos come».

Antónia — Também acho que se elas se picaram é porque tomaram a piada para si.

Josefina — Não vale a pena pensar mais nisso e deixá-las com as suas brincadeiras, as meninas que convivem com ele e as «siãs» professoras.

Antónia — Acho bem e é melhor pôr ponto final por causa das consequências.

Uma aluna do 2.º ciclo X

O ARAUTO deseja a toda a MALTA umas festas passadas «de folga», com muito Vinho do Porto e um 1958 com poucas negativas e muita... cabulice!

SO4H2 — SO4H2 — SO4H2 — SO4H2 — SO4H2